

# Os índios, com medo do futuro



Pedrinho: ensinar a Funai...



Chimarrão, um novo costume



Marabuto, o presidente que os índios querem conhecer de perto



Francisco Luiz dos Santos, cacique

A maneira como um cacique do Sul do Brasil cumprimenta qualquer homem branco, atualmente, é através do "cartão de apresentação". Afinal, em meio a tantas transformações pelas quais o índio brasileiro vem passando, esse fato chega a ser corriqueiro. Hoje a roupa de gala, ou de sociedade de um índio, é o terno e óculos escuros, com raras exceções. Não falta também o anel. Tão apaixonados quanto qualquer homem branco pelo futebol, os índios já não caçam, compram carne no açougue. Não faltam aos bailes de final de semana, animados por conjuntos sertanejos, e vez por outra, luzes coloridas. Adoram fotografia; andam

**"O presidente da Funai tem que conhecer melhor o problema do índio... tem que conversar mais com a gente"**

às vezes 20 quilômetros para ter suas reuniões aos finais de semana; são religiosos e fazem questão de citar seus nomes de batismo, em português.

Quando se conversa com um índio, especialmente da região do Paraná e Santa Catarina, nota-se que, além da certa distância que ele procura manter do "homem branco", apesar de sua amabilidade peculiar, existe revolta. As terras do índio do Sul passaram por processo de demarcação que os limitaram a regiões tão pequenas quanto "um grão de areia no meio do oceano" afirma Francisco Luiz dos Santos "Klinton" (Morro Alto), cacique e presidente do Conselho Nacional do Índio, com sede em Brasília. Esse é talvez o maior problema, dentre a série de queixas que eles mesmos preferem levar ao conhecimento não só do delegado regional, mas também do presidente da Funai. "Eu quero saber o que é que esse presidente vem oferecer para nós, pois eu não posso confiar em uma pessoa que eu nunca vi. Quando um cacique é eleito, todo mundo na tribo conhece ele, acredita que ele vivencia os problemas dos índios da região. Por isso é que eu quero falar com esse presidente, pra saber se ele entende dos nossos problemas", afirmou o cacique cainganque da região de Guarapuava, Pedrinho Cornélio.

**CONSEQUÊNCIAS**  
"Se andamos dois quilômetros naquela região, assim que cruzamos o rio já estamos em terras de fazendeiros. Por isso que as pequenas reservas são ruins para o índio, pois ele não tem espaço para se manter com seus costumes". Essa declaração foi feita por Francisco que além de presidente do Conselho Nacional do Índio, é também líder eleito pelos caciques. Na sua opinião, a partir do momento que um índio sai de sua delimitação de terras, tem que falar outra língua, se vestir com as roupas do homem branco, enfim, agir totalmente diferente de sua maneira mais autêntica. "Por isto é que os índios lá do Norte do Brasil são originais, podem agir com maior liberdade. As terras deles muitas das vezes não foram sequer tocadas pelo homem branco".

E esta adaptação (sinônimo de imposição) vai além. Chega ao ponto de a própria Funai (Fundação Nacional do Índio) desacreditar, como há tempos atrás, na medicina usada pelos

**Não é só o colono que sofre com as causas da inflação. O índio como plantador tem as mesmas dificuldades.**

silvícolas. "Antigamente, era obrigatório que se usassem nas reservas os medicamentos trazidos das grandes cidades", afirma o cacique Francisco dos Santos, advertindo que "não acho que eles sejam ineficientes, muito pelo contrário. Mas o fato é que, o homem branco proibiu que utilizássemos ervas medicinais para curar algumas de nossas doenças e hoje sabe-se que elas são, inclusive, usadas para curar muitas doenças nas grandes cidades, por que são bastante eficientes".

O último sábado — 13 de outubro — não foi um dia só de festas para os índios que habitam a região de Palmas, quando receberam, da Funai, 25 casas para "melhor morar". Para eles, o dia foi muito mais significativo, pois lhes deu a oportunidade de conhecer "de perto" o presidente da Funai, Nelson Marabuto Domingues e a ele e ao delegado regional do órgão para o Paraná e Santa Catarina, João Darci Rugere, expor seus problemas, fazer suas queixas e, principalmente, fazer suas reivindicações. Os índios — naquele dia — mais do que nunca, demonstraram a sua revolta, notadamente em relação as suas reservas... "um grão de areia no oceano..." Mostraram que não são tão ingênuos como se costuma propagar... "o índio, hoje, é mais consciente"... Sabem o que querem e têm consciência e lamentam que "o índio de hoje é diferente daquele ser de alguns anos atrás..."

Texto de Jorge Luiz Mansur Javorski ■ Fotos de João Briisch

**POUCO DINHEIRO**

A afirmação "tiraram nossos rios; mataram nossa caça; acabaram com nosso mel" denuncia uma realidade. Se o índio quiser comer, tem que pagar pelo seu alimento. Como trabalhador do campo, ele não deixa de enfrentar os mesmos problemas que qualquer colono. O cacique da região de Palmas, Roberto Luiz dos Santos, é da opinião que a "infração" não está mais dando condições para que o índio possa comprar suas sementes destinadas ao plantio.

Na região de Palmas, o índio adquire um saco de sementes ao preço de 70 mil cruzeiros. O mesmo produto é vendido entre seis e sete mil cruzeiros, quando a transa comercial não é feita de maneira espúria, onde o índio acaba sendo lesado pelo varejista. O exemplo mais comum é aquele caso

**"... o corte de árvores traz lucros momentâneos, enquanto que a agricultura é vitalícia".**

em que o índio é convidado a tomar alguns goles de cachaça, e acaba embriagado, vendendo seu produto após algumas horas, por preço bastante inferior ao combinado anteriormente.

Casos como esse são tão comuns, que o Estatuto do Índio, através da lei 6.001, permite que uma venda feita nesses termos seja completamente anulada. Quem intercede junto ao comerciante pode ser o próprio cacique da tribo que se sentiu lesado ou o presidente dos caciques.

Tudo depende dos contatos e das reuniões que os representantes das diversas tribos mantiverem para coibir que fatos semelhantes a esses se

repitam. O cacique Francisco dos Santos afirma que hoje, apesar de tudo, o índio é mais consciente, não se deixa enganar tanto quanto antigamente. "Estamos mais fortes e formamos lideranças que são capazes de intervir, caso não gostem de alguma atitude por parte de comerciantes ou mesmo autoridades, como aconteceu recentemente com o ex-presidente da Funai. Não gostamos da maneira como ele estava agindo, fomos para Brasília, acampamos no local até que

nossos pedidos fossem aceitos. E foram".

**MAIS PESSIMISTA**

A velhice como sinal de experiência mostra, no entanto, que apesar do estado que o índio se encontra hoje não ser tão alarmante como antigamente, é motivo ainda para vários debates e discussões. Não com os responsáveis pelos postos indígenas, mas com o delegado regional da região e se possível com o presidente da Funai. Assim é que pensa o cacique do Posto

Indígena de Ibirama, "Kriiri", chefe dos Xoclen durante 30 anos. "Desde que foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910, é que a gente vem batendo o pé e reclamando das atitudes que o homem branco sempre tomou contra nós. Depois que acabou essa festa aqui (referindo-se à inauguração das 25 casas de índios na reserva de Palmas), eu vou lá em Curitiba falar com o "seo" João — delegado regional da Funai no Paraná e Santa Catarina — mostrar pra ele algumas coisas que estão acontecendo lá em Ibirama, com a madeira".

**SEM ÁRVORE, CHÃO POBRE**

As casas construídas recentemente pela Funai em Palmas, que fazem parte de um plano nacional, são resultado de permutas realizadas pela entidade e construtores locais. Dentro da troca entraram madeiras ricas, centenárias e que, após cortadas, certamente deixarão o solo mais pobre, já que o reflorestamento da Funai não prevê plantação de igual número de árvores cortadas e tampouco foi colocada em prática. Esse fato está deixando os caciques invariavelmente irritados, e é um dos grandes motivos de quererem se deslocar a Curitiba e Brasília para dialogar com os responsáveis da Funai. "Em vez das pessoas ficarem tirando as madeiras ricas, que aproveitem as desvalorizadas, para a construção de casas", afirmou o cacique Francisco Luiz dos Santos. "Onde existe um índio existe uma árvore rica". Pelo menos é assim que acontecia no passado. Ultimamente, "o índio está aprendendo com o homem branco a destruir suas árvores. Veja aquela propriedade por exemplo: dá pra qualquer um saber que é do homem branco, porém nós estamos ficando iguais, estamos comendo os mesmos crimes que ele já comete", afirmou o cacique de Guarapuava, professor Pedrinho.

O presidente da Funai, Nelson Marabuto Domingues, ao visitar a região de Palmas para a inauguração das casas dos índios, confirmou que as



Apesar de tudo, alguns costumes ainda são conservados pelos idosos

reclamações feitas pelos índios são procedentes. "Eu mesmo, quando estive sobrevoando algumas áreas antes de aterrissar, reparei que existem enormes clareiras nesta região, o que denota que muita madeira foi retirada daqui". Apesar de não ter especificado os meios, Nelson Marabuto deixou claro que o reflorestamento daquela e de outras regiões será feito essencialmente com o pinheiro do Paraná e erva-mate.

**AGRICULTURA E EDUCAÇÃO**

"Nossas futuras gerações podem não chegar a conhecer uma árvore, se nós não as preservarmos". A declaração do cacique e professor Pedrinho, da região de Guarapuava, reflete uma preocupação maior: o mundo que os filhos dos índios de hoje vão encontrar mais tarde. Por isso, ele propõe que em hipótese alguma sejam cortadas árvores, a não ser aquelas desvalorizadas, paralelamente a uma conscientização maior do índio quanto aos benefícios que a agricultura traz. "Eu acho que o corte de pinheiros e madeiras ricas com a imbuia trazem lucros momentâneos, já que não será fácil conseguir um replantio com árvores do mesmo porte numa região pequena e em curto espaço de tempo. Por isso deve-se ensinar o índio a tratar melhor da agricultura, dando-lhe condições mais eficientes para praticar o plantio". O que o cacique de Guarapuava propõe é que a educação seja levada a sério pela Funai, porque é dessa maneira que o índio estará mais consciente a fim de não cometer os mesmos crimes do homem branco. Seu modelo de educação, no entanto, não

**"... só vale uma eleição se o povo for lá dizer quem ele quer que seja presidente... daí ele é responsável já que todo mundo escolheu"**

é "esse apresentado por Brasília nas cartilhas que são mandadas para nós. A educação tem que ajudar o índio, mas sem tirá-lo de sua terra e deve ensiná-lo as coisas diretamente ligadas a ele". Na opinião do cacique Pedrinho, "a Funai tem que deixar de lado aquela história de que o índio só vive caçando e passeando de tanga pelo mato. Hoje ele enfrenta problemas muito maiores. Ele é uma pessoa marginalizada pela sociedade; tem algumas doenças e vícios adquiridos do homem branco; é diferente daquele ser de anos atrás".

O grande sonho da vida desse cacique e professor bilíngüe é ensinar a Funai como se escreve uma cartilha de educação para o índio. Através dela, mostrará aos seus irmãos que "a educação não é feita para destruir um semelhante, mas sim para ajudá-lo e que através de uma boa instrução e ocupação da terra, aproveitada em todos os seus espaços disponíveis, com a agricultura, é que a imagem de bêbado, improdutivo e vagabundo do índio irá mudar".

**OPINIÕES SINCERAS**

Um índio não está acostumado a falar por vias indiretas. Por isso mesmo é que quando o próprio presidente da Funai esteve em Palmas, foi abordado no mínimo por três caciques, que se não chegaram a expor completamente seus problemas, pelo menos pediram "pra ter uma conversinha mais tarde". Índio não gosta muito do termo "representante" a não ser seu cacique ou o líder que ele conhece e eleger. Sua opinião a respeito de política não diferencia de seus pensamentos em relação à aldeia. Uma pessoa é honesta ou não é. Dessa forma a visão do que ocorre hoje em termos de Brasil para um cacique é a seguinte: o País não é independente; falta maior autonomia ao presidente Figueiredo, pois "quem mais manda no governo é o Delfim Neto, o que prova que o Figueiredo não soube mandar, e quando um presidente perde o poder, nada mais dá certo"; "só vale a eleição se o povo for lá dizer quem ele escolhe, porque daí, mesmo que eleja a pessoa errada, ele é o responsável"; "é obrigação da Funai conscientizar o índio para o fato de que ele também pode ser um líder mais tarde. Por isso, ela tem que ajudar na educação".



Reservas pequenas, "um grão de areia..."